



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Lukas Gabriel Grzybowski¹ & Fabiana Fontes Lopes²

A influência do cristianismo sobre o vestuário medieval groenlandês

The Influence of Christianity upon Greenlandic Medieval Dress

Resumo:

O presente artigo apresenta um panorama geral acerca da lógica da cristianização na Escandinávia na Idade Média e dos efeitos da religião cristã sobre o corpo e seus invólucros, em especial no vestuário. Como caso particular, trata da situação religiosa na Groenlândia medieval e, a partir da na análise de trajes arqueológicos encontrados no povoado de Herjolfsnes, aponta influências diretas e indiretas da religião sobre a vestimenta local. Esta análise é realizada tendo em vista o vestuário no restante da Europa e, ao mesmo tempo, particularidades adaptativas locais.

Palavras-chave:

Escandinávia medieval; cristianização; vestuário groenlandês; Herjolfsnes.

Abstract:

This article presents a general panorama concerning the logic of Christianization in Middle Age Scandinavia and the effects Christianity implies upon the body and its containers, especially when it comes to costume. As a particular case, a brief description of Greenlandic religious situation in the Middle Ages is presented. From an analysis of archeological finds at the Herjolfsnes settlement, direct and indirect influences of religion upon local dress are indicated. Said analysis is undertaken considering costume in the rest of Europe and, at the same time, adaptive local particularities.

Keywords:

Medieval Scandinavia; Christianization; Greenlandic costume; Herjolfsnes.

¹ Professor Adjunto A - DOC - CRES, Universidade Estadual de Londrina - História Antiga e Medieval. E-mail: lukas.grzybowski@uel.br

² Mestranda em Têxtil e Moda pela Universidade de São Paulo. E-mail: fabiana.lopes@usp.br

1. Introdução

Os primeiros séculos do cristianismo na Europa foram fundamentais para a estratégia de expansão por parte da Igreja, que buscava afirmar a nova religião como legítima e universal. Nos territórios pré-cristãos, missionários procuravam transmitir uma imagem de um Cristo militante e poderoso, capaz de trazer prosperidade na vida terrena e salvação na vida eterna (Sawyer e Sawyer, 2008). Como consequência inevitável da expansão do império franco, choques culturais entre a nova fé e as antigas culturas pagãs ocorreram em diversas esferas. Nesta fase de afirmação, a Igreja utilizou-se de diversas formas de discurso para construir uma visão de um outro não cristão, que representava o atraso, a barbárie, a imoralidade e o pecado, e que portanto deveria ser convertido. Esse discurso buscava censurar não só o comportamento alheio à doutrina, mas também impor regras e limitações aos próprios cristãos.

Para que pudesse estabelecer-se e consolidar-se em toda a Europa, a Igreja contou com uma hierarquia organizada, na qual eram indicados bispos para cada região. Mais do que espalhar a doutrina cristã, a Igreja buscava estabelecer-se como uma organização de poder, aliando-se aos líderes locais, que por sua vez vislumbravam nesta aliança uma oportunidade de fortalecer sua própria influência. Com um caráter padronizante e universalizante, a igreja submeteu os fiéis a diversas regras e imposições, algumas das quais iam diretamente de encontro aos seus costumes pré-cristãos. Muitas destas sanções manifestavam-se no corpo: quando vivo, na censura das tentações; quando morto, na determinação dos rituais funerários. Controlando o corpo, controlava também seus invólucros, dos quais talvez o mais importante seja o vestuário.

Particularmente notável foi a cristianização da Escandinávia, na qual o contato entre nórdicos e o restante da Europa deu-se não raro de forma violenta e abrupta, por ocasião das invasões vikings. Conforme propõe Steinunn Kristjánsdóttir, as relações de poder neste contexto não provinham apenas das instituições de governo ou eclesiásticas, mas dos membros da sociedade como um todo, que possuíam capacidade de exercer poder e manifestar resistência por meio do discurso (Kristjánsdóttir, 2015). Neste artigo, será considerada a cristianização desta região como um fenômeno gradual, construído por meio de interações, assimilações pacíficas e conflitos, e cuja fase inicial caracterizou-se muitas vezes por um sincretismo de crenças, valores e objetos. O estudo deste fenômeno conta com a importante contribuição da arqueologia, cujos indícios de cultura material muitas vezes ultrapassam limites geográficos e políticos para revelar acontecimentos do dia-a-dia das populações e suas particularidades locais.

O esforço maior de expansão cristã na Escandinávia ocorreu entre os séculos IX e X, embora tenha havido outros contatos prévios em menor escala desde a queda do Império Romano (Sawyer e Sawyer, 2008). Apesar de algumas influências

inglesas neste processo, foi garantida ao arquiépiscopado germânico de Hamburgo-Bremen a primazia das missões cristianizadoras na Escandinávia. Na Suécia, destacou-se o monge Ansgar, que iniciou uma missão cristã em Birka. Já o rei Harald Dente Azul teve papel pioneiro na cristianização da Dinamarca, embora as circunstâncias exatas da adoção e difusão da religião pelo rei não sejam claras na historiografia. No caso da Noruega, no início do século X o Rei Harald Cabelo Belo enviou seu filho Håkon para ser tutelado pela corte do rei inglês Athelstan. Como resultado, ao suceder o pai, Håkon passou a encorajar o cristianismo em seu país de origem, embora haja polêmica em relação ao seu verdadeiro comprometimento com a expansão daquela fé. É com a figura de Olaf Tryggvason que a conversão parece ter se consolidado, tanto na Noruega quanto na Islândia. De acordo com o relato de Ari Þorgilsson, a nova religião teria sido introduzida na Islândia por um missionário do rei Olaf, e formalmente aceita por uma decisão da assembleia local, a *Althing*, no ano de 999. Entretanto, este não foi o único contato da Islândia com a fé cristã; influência por parte das ilhas britânicas também se fazia sentir (Sawyer e Sawyer, 2008). A partir daí, era só uma questão de tempo até que a Groenlândia, colônia islandesa estabelecida aproximadamente na mesma época, também fosse dada como cristã.

A ocupação nórdica na Groenlândia teve importante papel no imaginário islandês - e europeu - medieval, sendo palco das famosas sagas, como a Saga dos Groenlandeses e a Saga de Erik o Vermelho. Os nórdicos groenlandeses trouxeram seus costumes da Islândia, mas precisaram adaptar sua cultura a uma nova realidade climática, além de desenvolver eixos comerciais de exportação e importação independentes. As circunstâncias de colonização, adaptação e extinção dos assentamentos naquela ilha são, até o presente, fonte de debate e especulação, apoiados por vestígios arqueológicos. Felizmente, aquele ambiente de solo gelado e clima hostil possibilitou a preservação de uma das maiores descobertas arqueológicas de vestuário medieval, contendo peças datadas majoritariamente da baixa Idade Média.

Uma análise destes trajes e do ambiente no qual foram encontrados possibilita a percepção de nuances na vida dos colonos nórdicos, tais como estrutura de produção doméstica familiar, influência estética da Europa continental e ação do pensamento cristão sobre o corpo e a roupa medieval. O presente artigo visa primeiramente estabelecer um panorama geral sobre a cristianização na Groenlândia e suas evidências materiais, como fenômeno inserido no contexto escandinavo medieval. Em uma segunda etapa, pretende analisar as descobertas arqueológicas do povoado de Herjolfsnes com relação à influência direta ou indireta do pensamento cristão medieval na cultura material, em especial nas peças de vestuário.

2. O “outro” pagão

Para o entendimento do cristianismo e de seus esforços de expansão no início da Idade Média, é necessário definir sua oposição, as forças contra as quais estava lutando. Sob domínio carolíngio, a Europa ocidental e central considerava-se uma continuação do Império Romano, preservando e reproduzindo o repertório de filósofos antigos. Por extensão, associava a religião pré-cristã ao politeísmo da antiguidade romana. Desta forma, as práticas cúltricas escandinavas eram unificadas sob o nome de o “paganismo germânico”, ignorando-se as diferenças locais. A análise de *place names* elaborada por Stephan Brink (2007) revela o perigo de se atribuir um politeísmo aos escandinavos medievais, uma vez que certos locais apresentam vestígios nominais de culto a apenas um deus, enquanto algumas divindades listadas nas fontes clássicas nem sequer aparecem nos *place names*.

O conceito de paganismo estava mais associado à religião cristã do que distanciado dela, uma vez que se definia pela alteridade, pelo não cristão. Além das religiões diversas, poderiam ser consideradas pagãs as práticas folclóricas ou até mesmo atos reprováveis dentro da própria igreja (Palmer, 2007). A reprovação de práticas supostamente pagãs teria a função de reforçar o comportamento desejado para o cristão, em um período de autoafirmação da igreja. Por apresentar-se ainda abstrata e “estrangeira” para os povos pré-cristãos, a organização eclesiástica utilizava-se de recursos retóricos para enfatizar sua primazia. A associação a territórios físicos para separar as crenças era um destes recursos; por exemplo, a caracterização das florestas germânicas pagãs como mais pobres e passíveis de transformação, enquanto as terras cristãs seriam mais prósperas (*idem*). No contexto da Groenlândia nórdica, encontra-se em cartas de membros do clero menções aos povos esquimós como sendo seres monstruosos, habitantes do fim do mundo, dotados de características sobrenaturais, cuja religião xamânica era demoníaca e deveria ser combatida (McGovern, 1980 e Keller, 1989).

3. A igreja e o corpo

Na visão da Igreja medieval, o corpo era lugar de pecado. As tentações físicas, como o sexo e a alimentação, eram controladas de acordo com um conjunto de práticas permitidas, alinhadas ao calendário litúrgico. Por exemplo, a vigília era um desafio ao sono e o jejum, à fome. Estas limitações aconteciam dentro da lógica da primazia da alma sobre o corpo. Segundo Jacques Le Goff, o desprezo pelo corpo nesta época atinge seu ápice nos seus aspectos sexuais. O corpo feminino era de particular impureza, manifesta no sangue menstrual. “Desde Eva até a bruxa dos fins da Idade Média, o corpo da mulher é o lugar de eleição do diabo” (Le Goff, 1985: 59). Seguindo o mesmo raciocínio, a doença era associada ao pecado, e a feiura à pobreza. Acreditava-se que os leprosos eram fruto do pecado de suas mães,

que haviam desrespeitado algum período de abstinência sexual determinado por ocasião religiosa.

A sexualidade ficava restrita ao matrimônio; era permitido apenas o relacionamento monogâmico entre marido e mulher no lar, ficando excluídas as concubinas, companheiras e a pluralidade sexual de uma forma geral. Essas regras acerca da sexualidade não apenas modificaram a estrutura familiar escandinava, como podem ter alterado a própria estrutura física de suas casas, conforme defende Kristjánsdóttir (2015). Segundo a autora, as antigas casas longas, feitas de apenas um cômodo, refletiam a pluralidade das relações familiares, enquanto o novo modelo cristão – a casa segmentada em cômodos – era resultado da nova estrutura de família, na qual cada membro realizava um segmento da produção doméstica.

A arqueologia coloca em evidência outra forte influência do cristianismo sobre o corpo: aquela manifesta nas maneiras de manipulá-lo após a morte. Em toda a Escandinávia, há indícios das mais diversas formas de enterramentos do período medieval. Convencionalmente, classifica-se um enterro como pagão pela presença de bens materiais no túmulo, enquanto o cristão é o que segue o ideal: “túmulos enterrados sem bens materiais, orientados de leste a oeste e localizados em cemitérios cristãos” (Lund, 2013). Entretanto, evidências arqueológicas apontam para uma complexidade muito maior no período da cristianização, ocorrendo, em muitos casos, uma mistura de elementos de diferentes práticas cúlticas. As práticas funerárias podiam variar não só regionalmente, como dentro de um mesmo cemitério. Em sua fase de cristianização, Dinamarca, Noruega e Suécia apresentavam exemplares tanto de enterramentos como cremações, e os túmulos podiam conter caixões, barcos, carroças e outras variações. Em alguns casos, há fragmentações corporais, como decapitações e destruição *post mortem* dos corpos (Staecker, 2002 e Lund, 2013).

Julie Lund chama atenção para a função de invólucros corporais desempenhadas por alguns objetos funerários. Por exemplo, em Myklebostad (Noruega), um cemitério da Era Viking apresenta urnas nas quais foram depositadas as cinzas de uma cremação, ossos e alguns bens pessoais, como objetos metálicos, joias e peças de jogos. A autora defende a função de “pele” desempenhada pela urna, que envolve o corpo e os objetos relacionados com a construção de sua identidade. Afirma ainda que o uso destes objetos materiais teria desempenhado um papel ativo na conversão. “[...] [a cristianização] provavelmente mudou não só a forma como corpos e objetos eram tratados em enterros; pode ter envolvido uma mudança na forma como eram tratados no dia-a-dia” (Lund, 2013). Seguindo este raciocínio, o vestuário é um importante invólucro que se faz presente no corpo vivo, e também está sujeito a modificações.

A vestimenta também passava pelo crivo da religião cristã, sendo condenada a vaidade e a sedução nela manifesta. A justificativa por parte da igreja era de que os adornos supérfluos não tinham significado espiritual, mas apenas mundano, e

estavam associados à luxúria (Burns, 2002: 29). Assim, no início da Idade Média no Ocidente, há uma tendência de uniformização do vestuário entre os dois sexos, além da aproximação da roupa laica em relação à eclesiástica. A silhueta deste período é, portanto, desprendida do corpo, efeito proporcionado por largas túnicas que não evidenciavam as formas corporais, bem como não apresentam decotes que exponham o colo ou os ombros.

Aproximadamente a partir do século XII, essas características começam a mudar, quando confrontadas com a efervescência do comércio e as influências externas. As cruzadas, o desenvolvimento das cidades e das rotas comerciais trouxeram para o Ocidente o luxo dos tecidos e ornamentos orientais (Boucher, 2010: 140). Estes artigos ficaram mais acessíveis à população, despertando nela desejos pela novidade e pelo luxo. Neste novo cenário social complexo, a vaidade começa a se pronunciar, e a igreja já não consegue impedir o surgimento deste fenômeno. Como consequência, observa-se uma tendência de ajustamento da roupa ao corpo, ressaltando suas formas, particularmente a partir do século XII. Esta tendência pode ser observada nas peças de vestuário preservadas em Herjolfsnes, na Groenlândia medieval.

4. O caso da Groenlândia

Limite setentrional do mundo conhecido na Idade Média, a Groenlândia foi colônia nórdica por cerca de 500 anos, aproximadamente do século X ao início do XV. Juntamente com as ilhas Faroer, Orkney, Shetland, Ilha de Man e Vinlândia (parte da América do Norte), adquiriu importante papel econômico na esfera de influência da Islândia e da Noruega. Em sagas elaboradas entre os séculos XII e XIII, este território era tratado como local de exílio, remoto e misterioso, porém com importante papel na formação de heróis, que tinham sua coragem e fé testadas em perigosas aventuras, e muitas vezes consolidavam sua fama quando de volta à sua terra natal. A presença nórdica no local deixou importantes vestígios arqueológicos, como igrejas, cemitérios e habitações do período.

A saga de Erik o Vermelho narra a colonização da Groenlândia. Segundo o texto, o islandês Erik teria cometido um duplo homicídio por volta do ano 982, sendo por isso exilado durante três anos. Em viagem, teria encontrado um território a leste da Islândia, do qual se ouviam rumores, e o nomeado Groenlândia (*Greenland*), um nome que encorajaria outros exploradores a buscarem a nova terra. Após cumprir o exílio, teria voltado para sua terra natal e recrutado uma expedição colonizadora, que aportaria no local por volta de 985. À parte desta descrição romantizada, sabe-se que a procura por novos territórios deu-se pela superpopulação e escassez de recursos na Islândia. Na Groenlândia, os islandeses estabeleceram dois assentamentos – as Colônias Oriental e Ocidental - na porção sul da ilha, principalmente na região dos fiordes litorâneos, com distância de aproximadamente 500 quilômetros entre elas (Young, 2013).

No que se refere à cristianização da Groenlândia, não se pode estabelecer uma data definida. Há uma série de especulações baseadas no registro das sagas, mas faltam fontes históricas a respeito do tema. Considerando o estabelecimento oficial do cristianismo na Islândia no ano 999 e a colonização da Groenlândia por volta de 985, esta última teria sido colonizada pouco antes da conversão de seus colonizadores. Neste sentido, é possível estabelecer um passado pré-cristão para a Islândia, mas para a Groenlândia essa fronteira é mais nebulosa. A saga *Íslendingasögur* aborda o tema da conversão na Islândia. De acordo com a interpretação de Grove, nesta narrativa o passado pagão do povo islandês é perdoável, uma vez que desconhecia o cristianismo mas veio a converter-se. A ocupação das novas terras a leste seria, assim, uma bênção de Deus. Já Erik o Vermelho é apontado como um pagão que resiste à nova religião, mesmo quando sua família se converte. O caso de Erik já não é perdoável, considerado “sintoma de atraso cultural em uma época de transformação religiosa” (Grove, 2008).

A situação religiosa na Groenlândia medieval pode ser melhor analisada sob diversos ângulos combinados. Do ponto de vista das sagas, o Livro dos Colonizadores (*Landnámabók*), a Saga de Erik o Vermelho e a Saga dos Groenlandeses concordam em relatar a presença de um homem cristão, originário da ilha de Hébridias, na expedição liderada por Erik (Grove, 2008 e Umbrich, 2012). As duas últimas obras também afirmam que a Groenlândia teria sido pagã no momento de colonização, sendo mais tarde convertida. A Saga de Erik narra tanto o acontecimento de rituais pagãos quanto a presença de personagens cristãos, cuja fé geralmente os traz recompensas. Embora não se possa tomar as sagas como acontecimentos históricos, fica clara a presença do elemento cristão na memória islandesa do novo território, desde os primórdios de sua colonização.

Já as evidências arqueológicas apontam para uma sociedade cristã desde o princípio. De acordo com Umbrich (2012), foram encontrados apenas dois objetos tipicamente pagãos na Groenlândia: uma pedra com um desenho do martelo de Thor e um cajado dotado de inscrições rúnicas, que provavelmente invocam uma divindade relacionada às marés. Não é possível comprovar, no entanto, se esses objetos faziam parte de cultos pagãos ou se eram apenas práticas folclóricas residuais, de acordo com a classificação proposta por Palmer (2007). É válido frisar que, assim como nos outros países escandinavos, não se pode separar rigidamente o momento em que cessam as práticas pagãs do momento em que começam as cristãs, e pode haver mistura de elementos nos sítios arqueológicos. O que os vestígios arqueológicos permitem afirmar com certeza é que, nos séculos finais da ocupação nórdica, o cristianismo já estava bem estabelecido na região, com a hierarquia de episcopados e paróquias funcionando e a presença de uma poderosa elite eclesiástica.

A esposa de Erik, segundo as sagas, teria tido papel importante no início da implantação de igrejas na região. Mesmo Erik não sendo cristão, sua fazenda é descrita como sendo a melhor da colônia, e a igreja de sua esposa como o centro da

crisandade até o estabelecimento de um episcopado. A saga também sugere a desobediência de certos costumes cristãos na fase inicial da colonização. Quando da ocasião de sua morte, Thorstein Eiriksson pede para ser enterrado próximo a uma igreja, juntamente com outros mortos que haviam padecido por uma epidemia.

“É um mau hábito que foi adquirido aqui na Groenlândia desde a chegada do Cristianismo, o de enterrar pessoas em solo não consagrado [...]. Quero que tu me leves à igreja em companhia daqueles que morreram aqui, todos menos Gardi, que quero que seja queimado na fogueira, o mais rápido possível, porque ele é responsável por todos os feitiços que tiveram lugar aqui neste inverno” (Saga de Erik o Vermelho, 1200. Tradução nossa da versão em espanhol de Córdoba e Córdoba).

Segundo McGovern, em 1125, tendo em vista a prosperidade do território, os legisladores da Assembleia da Groenlândia convocaram um bispo da corte norueguesa para construir uma catedral e uma fazenda episcopal em Gardar, no assentamento do Leste (McGovern, 1980). Nos séculos XII e XIII, a Groenlândia passou a gravitar em torno da esfera secular e eclesiástica da Noruega, sendo assimilada à nova arquidiocese de Nidarós, estabelecida em 1152/53, sob jurisdição do arquiépiscopado de Lund. A submissão política perante a Noruega teria se estabelecido em 1261 (Grove, 2008).

Nos primeiros séculos do assentamento, a economia groenlandesa prosperava. A organização da comunidade era semelhante à islandesa, com fazendas esparsas lideradas por chefes locais. De acordo com Østergård (2004), o clima não permitia uma colheita de grãos eficiente; por este motivo, a alimentação nórdica dependia em grande parte da criação de gado, ovelhas e cabras, além da caça de focas e caribus. O gado era raro e de pequeno porte, produzindo pouco leite. Em análises de ossadas encontradas em áreas de fazendas, identificou-se uma predominância de gado nos estabelecimentos eclesiásticos, sugerindo o maior status e o privilégio desta classe. (McGovern, 1980). O eixo comercial entre Groenlândia e Noruega era importante, uma vez que a Groenlândia fornecia bens de alto valor como cordas de pele de morsa, marfim de morsa e peles do ártico. No sentido oposto, importava tecidos finos, linho, vitrais, ferro e objetos metálicos, como sinos de igrejas (idem).

Por volta de 1300, a situação das colônias nórdicas na Groenlândia começou a mudar. Conforme colocado por Young (2013), evidências paleoclimáticas, tais como análise de núcleos de gelo retirados de geleiras, variação do nível do mar, movimentação de pólen e registros histórico-climáticos na Islândia, entre outros dados, apontam para um dos prováveis fatores do declínio: a Pequena Era Glacial. Os registros indicam um período de *optimum* climático entre os anos 500 e 1100. A partir de 1150, começa o resfriamento. Uma pequena melhora acontece entre 1225 e 1250, seguida de novo resfriamento e intensas flutuações térmicas até o ano de 1375. Esta variação climática provocou o congelamento dos pastos, causando falta

de alimento para o gado e, conseqüentemente, para os habitantes das fazendas. Houve também alteração no regime de migração de alguns tipos de focas, o que pode ter causado prejuízos na caça destes animais. Ademais, tempestades oceânicas dificultavam o acesso aos portos da região (McGovern, 1980).

Além do fator climático, os nórdicos conviveram com outra barreira, esta de ordem cultural. Nas narrativas medievais, um recurso retórico para reforçar o caráter de “fim do mundo” da ilha é a descrição de seres que desconhecem metal, mas que utilizam armas de marfim, e que não sangram quando atingidos. Estes seres correspondem aos povos esquimós Inuit, em especial a etnia Thule, que durante o período de resfriamento migrou para o sul e encontrou a população nórdica. Há evidências documentais e arqueológicas de interações ocorridas entre os dois povos. De acordo com Christian Keller (1989), um documento de 1379 registra um conflito na Colônia Oriental, que teria deixado dezoito nórdicos mortos. Por outro lado, também foram encontradas em assentamentos Inuit diversas bonecas humanas representando groenlandeses escandinavos, o que pode indicar troca entre as etnias, roubo ou até mesmo a mimese da figura do europeu fabricada pelo Inuit (Østergård, 2004: 117). A Saga de Erik o Vermelho narra uma situação de troca comercial entre nórdicos e esquimós, na qual o tecido avermelhado groenlandês parece ter sido particularmente cobiçado.

“O tecido vermelho era o produto que mais queriam comprar os nativos; também queriam comprar espadas e lanças, mas Karlsefni e Snorri proibiram sua venda. Em troca dos tecidos entregavam peles cinzentas. Os nativos tomavam um palmo de pano vermelho para cada pele e amarravam os tecidos em torno de suas cabeças. A troca aconteceu deste modo durante algum tempo, até que o tecido tornou-se escasso; Karlsefni e seus homens então o cortaram em pedaços que não eram maiores do que o comprimento de um dedo, mas os *skraelings* pagaram por eles até mais do que antes” (Saga de Erik o Vermelho, 1200. Tradução nossa da versão em espanhol de Córdoba e Córdoba).

Além da competição pelos recursos naturais trazida pelos esquimós, o principal empecilho para o contato aprofundado entre as culturas era a autoridade eclesiástica. Os *skraeling*, como eram denominados pelos europeus, vinham de uma sociedade igualitária e xamanista, e por isso representavam os demônios que a religião cristã procurava combater. Documentos clericais tratavam o combate a esta etnia como análogo às cruzadas contra os muçulmanos. Aprender as técnicas dos Inuit seria, portanto, propagar práticas pecadoras. Entretanto, a falta de comunicação entre as etnias pode ter sido um dos fatores contribuintes para a extinção dos europeus groenlandeses, uma vez que estes não assimilaram importantes conhecimentos de sobrevivência dos esquimós, como fabricação de roupas e embarcações com peles de animais marinhos (McGovern, 1980; Young, 2013).

5. Escavações de Herjolfsnes

Da mesma forma que as evidências textuais e materiais não permitem a identificação precisa de um passado não cristão para a Groenlândia, não existem sinais de um vestuário “pagão” na ilha. Entretanto, para efeitos de comparação com a era cristã, é possível buscar em outros países da Escandinávia medieval registros do vestuário na Era Viking. O conjunto básico da silhueta feminina era geralmente composto por um vestido interior longo de mangas compridas, um avental retangular sustentado por alças e, eventualmente, véu ou chapéu. As alças do avental eram presas a ele por um par de broches ovais, que poderiam ser ligados entre si por uma corrente. Para os homens, uma túnica longa ajustada por um cinto e calção comprido, que poderia ser mais ou menos ajustado. Poderiam usar também capas forradas de pele, e os sapatos eram geralmente de couro.

Evidências arqueológicas em diversas localidades da Escandinávia - e também nas ilhas britânicas de ocupação nórdica - apontam para a importância da joalheria no vestuário da Era Viking. De acordo com Judith Jesch (1991), o uso de broches ovais parece ter sido generalizado na indumentária feminina, variando o tipo de metal (bronze, ouro ou prata) de acordo com a classe social. Além dos broches, Callmer (2008) identificou na Suécia do século VIII os seguintes acessórios encontrados em túmulos femininos: braceletes para braços e canelas, pentes adornados e fíbulas decoradas na altura do peito, que poderiam prender uma capa. Da primeira para a segunda metade do século, a quantidade de metal utilizada no visual dobrou (Figura 1). Estas roupas e ornamentos criavam certa identidade visual para a comunidade escandinava, característica que parece ter desaparecido gradualmente com o advento do cristianismo.

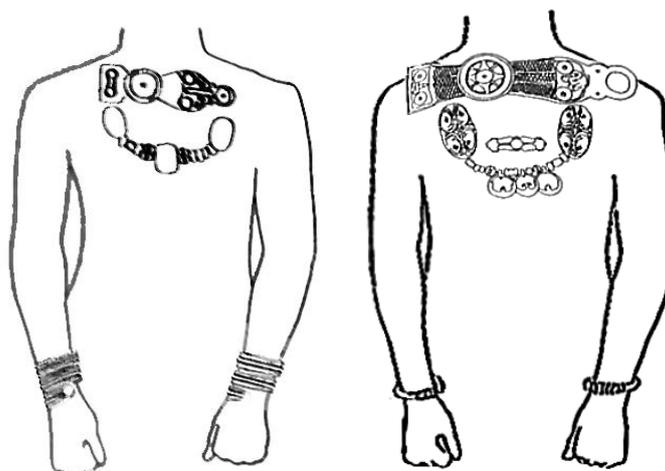


Figura 1: ornamentos tradicionalmente utilizados por mulheres na Era Viking. Primeira e segunda metades do século VIII, respectivamente. Fonte: *Between Two Worlds: The Meaning of Womens' Ornaments*, 2008.

Já na Groenlândia, é possível verificar exemplares do vestuário da era cristã. Segundo Else Østergård, um relatório topográfico do século XIV revela a existência de um total de 300 fazendas, dois mosteiros-conventos e 16 igrejas do período medieval na ilha (Østergård, 2004: 13). Entre as igrejas, está a catedral de Gardar, onde estava enterrado o corpo identificado como do bispo Jon Arnason, juntamente com um cetro adornado com uma cruz (Keller, 1989). Dentre as fazendas, está também a de Brattahild, atribuída a Erik o Vermelho e sua família. A partir da década de 1920, explorações arqueológicas de origem dinamarquesa aumentaram marcadamente, segundo Christian Keller (1989), motivadas por disputas territoriais com a Noruega. Em 1921, o arqueólogo Poul Nørlund, medievalista do Museu Nacional da Dinamarca, foi encarregado da maior parte das explorações, sendo a escavação de Herjolfsnes sua obra mais notável. O derretimento de partes do solo fez com que resquícios do cemitério caíssem no oceano e chamassem atenção de habitantes locais, que contataram o museu. Em um documento de 1924, Nørlund elaborou uma série de observações e teorias sobre os vestígios encontrados, muitas delas refutadas posteriormente por outros autores.

À semelhança de Erik o Vermelho, o colonizador Herjolf Bårdson veio de uma expedição islandesa, escolhendo uma área em frente ao mar para a construção de sua fazenda, a qual denominou Herjolfsnes (atual Ikigaat). Localizada na Colônia Oriental, viria a funcionar como importante porto comercial. Nas escavações de Poul Nørlund no local, foi encontrada uma igreja – a terceira maior da Groenlândia – com um cemitério em seus arredores. De acordo com Else Østergård, havia entre 110 e 120 túmulos, concentrados nas porções leste e oeste e alguns ao sul das ruínas da igreja. Não foi possível determinar o tamanho original da área da igreja na exploração de 1921, já que o oceano já havia destruído parte considerável do sítio. Alguns túmulos estavam sobrepostos em diversas camadas, e muitos não puderam ser resgatados devido à acentuada deterioração. Os corpos podiam ser enterrados de três maneiras: em caixões de madeira, envoltos por mortalhas feitas de roupas velhas ou vestindo uma roupa completa. Observou-se que os indivíduos de maior prestígio social eram enterrados próximo à igreja, e em seus túmulos apareciam cruzeiros de madeira cuidadosamente esculpidas; já os mais humildes ficavam mais distantes, portando cruzeiros rústicos. A presença de caixão também parece ser símbolo de status: em uma ilha na qual madeira era um artigo raro, seu uso era direcionado prioritariamente para construções. “Na ausência de madeira, um enterramento com tecidos era a segunda melhor opção” (Østergård, 2004: 23-24).

Conforme relatam Fransen, Nørgaard e Østergård (2011), foram encontrados em torno de 70 elementos têxteis em Herjolfsnes, a maioria datada entre os séculos XII e XIV, incluindo túnicas, meias, capuzes e sapatos. Trajes femininos e masculinos eram semelhantes entre si, a ponto de algumas peças serem de gênero desconhecido. O clima groenlandês e as condições de congelamento do solo contribuíram para a excepcional preservação das peças. Poucos acessórios foram encontrados; a maioria parece ser fivelas de cinto ou grampos de cabelo. Como o metal era escasso, muitos eram feitos com marfim de morsa. Os acessórios são em

geral pequenos e não parecem constituir parte fundamental do vestuário. As técnicas utilizadas pela equipe de Nørlund obtiveram considerável sucesso na conservação dos têxteis em seu trajeto até o museu, onde passaram por restauro. Mesmo assim, após sucessivas exposições começaram a apresentar desgaste. Por este motivo, foram fabricadas réplicas para as exposições, enquanto as peças originais foram acondicionadas em sala climatizada.

A maioria das peças de vestuário encontradas é de lã de ovelha ou cabra. Geralmente, dois tipos de lã misturados: os pelos longos da parte externa da pelagem do animal, mais grossos e mais fáceis de fiar, e a lã macia da parte interna. Este tecido tipicamente escandinavo era denominado *Uaðmál*. Daqueles animais, tudo era aproveitado: sangue, tripas e carne para alimentação; pele e lã para vestimenta. O escroto poderia ser usado como bolsa e os chifres, como utensílios domésticos. A fiação era feita manualmente por fusos, assim como a tecelagem em teares manuais e verticais. Esta produção têxtil doméstica era tarefa feminina. O cuidado e a qualidade do acabamento das peças encontradas sugere alto grau de especialização neste trabalho, possivelmente com um sistema de treinamento organizado entre as mulheres. Uma sala de tecelagem encontrada na Fazenda sob a Areia evidenciou o modelo de casa cristão segmentado de acordo com as funções de cada membro da família, conforme defendido por Grove (2008).

Uma análise de amostras têxteis groenlandesas de diferentes períodos datadas com radiocarbono revela grande semelhança com os tecidos produzidos na Europa Central e Ocidental no período em questão. Por outro lado, em razão da Pequena Era Glacial, observa-se também mecanismos locais de adaptação do tecido ao clima mais rigoroso. Por exemplo, a inserção de mais fios de trama (horizontal) do que de urdume (vertical), ao contrário do convencional. Este tipo de cobertura gera um tecido mais fechado, e conseqüentemente mais quente (Tibbs, 2012). Quanto ao tipo de tecelagem, a maioria constituía sarjas, havendo também tafetás. Alguns tecidos apresentavam sofisticada decoração em sua tecelagem, principalmente aqueles de pessoas de classes mais altas. Bordados e cordões decorativos também foram encontrados, assim como motivos de cruces gravados em um sapato de couro (Østergård, 2004). Apesar de haver diferenças na decoração dos trajes sofisticados em relação os populares, a modelagem era essencialmente semelhante entre as classes.

A Figura 2 mostra os trajes H38 e H41 encontrados em Herjolfsnes, datados aproximadamente do século XIV. Nestas peças, é possível observar mecanismos que favorecem o ajustamento das peças ao corpo, conforme a tendência europeia de tal época. O ajuste, assim como o volume da saia, dá-se pela inserção de nescas (triângulos de tecidos) nas laterais, bem como no centro da frente e das costas. No molde do H38, observa-se que a cava da manga é larga e há quatro nescas formando sua parte inferior, para conferir movimentação ao braço. Este tipo de manga, conforme afirma Forest (2007), tem a costura rotacionada e inserção de um triângulo de tecido na lateral, o que permite que ela vá se ajustando ao longo do

comprimento do braço. Pode apresentar também botões para esta finalidade. Conforme a descrição de Fransen *et al* (2011), H41 é uma túnica masculina, adornada com pespontos decorativos ao longo das costuras verticais, na barra e na bainha da manga. Em outra peça semelhante porém feminina, aparece também um acabamento com um fino cordão trançado nos punhos. Na barra, há um acabamento que imita o cordão.



Figura 2: trajes H38 e H41, respectivamente, encontrados em Herjolfsnes. Abaixo, modelagem do H38. Fonte: adaptado de *Medieval Garments Reconstructed*, 2011, p. 51.

Sobre adaptações ao clima no vestuário groenlandês, há certo debate. O arqueólogo Poul Nørlund procurou elaborar hipóteses sobre a extinção do povoado com base na falta de adaptação às circunstâncias adversas observada por ele nos trajes encontrados. Analisando apenas a modelagem, concluiu que a vestimenta nórdica não diferia significativamente da encontrada no restante da Europa e que, por não ter encontrado peles, os groenlandeses não as utilizavam, ao contrário dos Inuit. Thomas McGovern ecoou esta mesma ideia em 1980, afirmando que os nórdicos “nunca adotaram as vestimentas eficientes e adaptadas ao clima ártico dos Inuit [...]” e sim que “adotavam as mais recentes modas europeias, com vestidos,

chapéus e capuzes de lã com lirípipes³". De fato, a silhueta tradicional tardo-medieval europeia parece ter sido obedecida na Groenlândia: túnicas ajustadas mais longas para mulheres e, ocasionalmente, mais curtas para os homens, além meiões ou calções masculinos. O uso de chapéus era comum a ambos os sexos (Houston, 1996).

Em sua análise detalhada dos trajes, entretanto, Else Østergård defende que a ausência de peles acontece não pela inexistência de seu uso, mas sim pela incapacidade do solo de preservá-las. Resquícios de sapatos de couro aparecem nas escavações, bem como alguns poucos tufo de pelos animais, entre eles caribu, urso polar, outros tipos de urso (marrom, preto ou cinza) e bisão. Um fragmento de tecido foi encontrado com barra possivelmente feita em pele. Há registro de pele de urso usada como capa, sendo um artigo raro. As peles eram provavelmente muito mais caras que os tecidos, devido à sua escassez e ao trabalho envolvido em sua preparação. Por este motivo, eram reservadas à elite, como padres e bispos, que podiam apresentar vestes forradas e, em geral, mais sofisticadas (Østergård, 2004: 121). A diferença entre os nórdicos e os esquimós era que estes últimos tinham técnicas de caça de foca mais aperfeiçoadas, o que tornava seu acesso a peles deste animal mais fácil, enquanto os primeiros muitas vezes importavam peles de animais terrestres.

Sendo assim, é necessário contextualizar esses trajes conforme seu uso. De acordo com Kristen Tibbs (2012), estas peças não eram produzidas puramente de acordo com os modelos europeus, mas tinham particularidades locais. A observação das túnicas permite a identificação de algumas adaptações de ordem prática; apesar de justas, não eram perfeitamente ajustáveis ao corpo, uma vez que a maioria era vestida por cima, e deveria passar pelos ombros. Não contavam com abotoamentos frontais ou fechamento com fitas trançadas, recurso comum para conferir ajuste no período. Os vestidos femininos também não poderiam ser muito longos, como ocorria no vestuário nobre europeu. Estas características permitiam que os trajes fossem usados em um contexto de trabalho, possibilitando as movimentações diárias. Os chapéus, por outro lado, eram plenamente fieis à moda continental, além de essenciais para o clima frio da ilha.

6. Considerações finais

Um panorama histórico da Escandinávia em seu período de cristianização, que ocorreu majoritariamente ao longo dos séculos IX e X, evidencia uma importante estratégia do cristianismo neste período de expansão: enfatizar a supremacia de Deus sobre as divindades pré-cristãs. Pode-se entender este esforço da Igreja como uma necessidade de reforço de seus próprios valores, ao mesmo tempo em que é

³ Lirípipe: espécie de "cauda" decorativa presente em capuzes medievais, podendo ser longa a ponto de precisar ser presa no cinto.

perceptível a despreocupação de sua parte em de fato compreender e documentar fidedignamente os cultos não cristãos. Nesse sentido, a não adoção por parte dos nórdicos de costumes dos esquimós na Groenlândia, mesmo estes podendo ser úteis para sua própria sobrevivência, aponta para o alto grau de influência da ordem eclesiástica sobre aquela sociedade.

A lógica de afirmação da fé cristã fica evidente na colônia nórdica groenlandesa. Sepulturas, construções eclesiásticas e vestuário mostram características universalizantes da Igreja, sem no entanto deixar de apresentar particularidades adaptativas. Neste sentido, uma análise da indumentária de Herjolfsnes revela informações valiosas. Se por um lado apresenta adaptações ao clima local— tecido reforçado e eventual uso de peles —, por outro sua modelagem é essencialmente europeia. Assim, a silhueta por si só não é necessariamente cristã, mas está inserida em um contexto padronizante cristão. Para se observar esta tendência com mais clareza, basta analisar o vestuário do passado pré-cristão escandinavo. Este era particular aos países nórdicos, apresentava distintas silhuetas para homens e mulheres e uso abundante de joias e ornamentos. Já na indumentária cristã, minimizaram-se as particularidades locais, os ornamentos não parecem ter tanta importância e há grande aproximação do vestuário de ambos os sexos.

A hierarquia cristã medieval se pretende universal; desta forma, a estrutura familiar, a arquitetura eclesiástica, os sepultamentos e até mesmo o vestuário obedecem a uma lógica padronizante. As restrições sobre o corpo, local de pecado, atingem tanto as práticas sexuais, funerárias e alimentícias quanto seus invólucros, não só em vida como também na morte. Apesar das informações acerca da cristianização da Groenlândia serem escassas, e de provavelmente não ter havido um passado propriamente pré-cristão na ilha, é certo que lá existiu uma estrutura eclesiástica organizada e poderosa, em pleno exercício das sanções acerca do corpo e da prática pagã.

Referências

Fontes

Adão de Bremen (2002). *History of the archbishops of Hamburg-Bremen*. New York: Columbia University Press.

Saga de los Groenlandeses e Saga de Eirik el Rojo (2010). Madrid: Siruela.

Bibliografia

Boucher, F. (2010). *História do vestuário no Ocidente*. São Paulo: Cosac Naify.

Brink, S. (2007). How uniform was the old Norse religion? *Learning and Understanding in the Old Norse World: Essays in Honour of Margaret Clunies Ross* (pp. 105-136). Turnhout: Brepols.

Burns, J. (2002). *Courtly love undressed: reading through clothes in medieval French culture*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.

Callmer, J. (2008). Between Two Worlds: The Meaning of Womens' Ornaments. *Acta Archaeologica Supplementa X: Nordic World Prehistory to Medieval Times*. Copenhagen, 79, 108-207.

Forest, M. (2007). Notas sobre costuras de Herjolfsnes, obtidas junto a Else Østergård, Dinamarca.

Fransen, L., Nørgaard, A. e Østergård, E. (2011). *Medieval garments reconstructed: Norse clothing patterns*. Aarhus: Aarhus University Press.

Grove, J. (2008). The Place of Greenland in Medieval Icelandic Saga Narrative. *Journal of the North Atlantic*, 2 (sp2), 30-51. Disponível em: <http://www.bioone.org/doi/abs/10.3721/037.002.s206>. Acesso em 11 out 2015

Houston, M. (1996). *Medieval Costume in England and France: the 13th, 14th and 15th Centuries*. New York: Dover Publications.

Hovgaard, W. (1925). The Norseman in Greenland: Recent discoveries at Herjolfsnes. American Geographical Society. *Geographical Review*, 1, 4, 605-616. Disponível em: www.jstor.org/action/showShelf?action=add&doi=10.2307/2208626. Acesso em 21 jun 2015.

Jesch, J. (1991). *Women in the Viking Age*. Woodbridge: Boydell Press.

Keller, C. (1989). *The eastern settlement reconsidered. Some analyses of Norse medieval Greenland*. Oslo: University of Oslo, Unpublished PhD thesis.

Kristjánsdóttir, S. (2015). Becoming Christian: a Matter of Everyday Resistance and Negotiation. *Norwegian Archaeological Review*, Reykjavik, 48, 1, 27-45. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00293652.2015.1015602?journalCode=sarc20>. Acesso em 11 out 2015.

Le Goff, J. (1985). *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70.

- Lund, J. (2013). Fragments of a conversion: handling bodies and objects in pagan and Christian Scandinavia ad 800-1100. *World Archaeology*, 45, 1, 46-63. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00438243.2012.759511>. Acesso em 09 out 2015.
- McGovern, T. H. (1980). Cows, Harp Seals, and Churchbells: Adaptation and Extinction in Norse Greenland. *Human Ecology*, 8, 3, 245-275. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4602559>. Acesso em 01 out 2015.
- Østergård, E. (2004). *Woven into the Earth: textiles from norse Greenland*. Aarhus: Aarhus University Press.
- Palmer, J. (2007). Defining paganism in the Carolingian world. *Early Medieval Europe*, 15, 4, 402-425. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-0254.2007.00214.x>. Acesso em 03 out 2015.
- Sawyer, B. (1988/1989). Scandinavian Conversion Histories. In: Harvard Ukrainian Studies, 12/13, 46-60. *International Congress Commemorating the Millennium of Christianity in Rus'-Ukraine, Harvard Ukrainian Research Institute, 1988/1989*. Disponível em: www.jstor.org/stable/41036304. Acesso em: 14 out 2015.
- Sawyer, B. e Sawyer P. (2008). Scandinavia enters Christian Europe. In: Helle, K. (org.). *The Cambridge History of Scandinavia* (pp. 147-159). Cambridge: Cambridge University Press.
- Staecker, J. (2005). Christian symbols and scandinavian women. In: Carver, M. (org.). *The cross goes north* (pp. 463-482). Woodbridge: The Boydell Press.
- Tibbs, K. M. (2012). *Semiotics of the cloth: Reading medieval norse textile traditions*. Dissertação de mestrado (História) – Marshall University. Disponível em: <http://mds.marshall.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1231&context=etd> Acesso em 15 out 2015
- Umbrich, A. (2012). *Early Religious Practice in Norse Greenland: From the Period of Settlement to the 12th Century*. Dissertação de mestrado - Háskóli Íslands: Humanidades (Medieval Icelandic Studies).
- Young, C. R. (2013). *Norse cultural reaction to climate change during the Little Ice Age and their societal collapse in Greenland*. Monografia (Archeological Studies Program) - University of Wisconsin- La Crosse.

Recebido: 19 de abril de 2017

Aprovado: 25 de maio de 2017